



## ATRAVESSANDO MARGENS: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A LEITURA DE *A TERCEIRA MARGEM DO RIO*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Jailma da Costa Ferreira; Bruno Santos Melo

Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com; bsantosletras@gmail.com

**Resumo:** A formação de leitores deve ser um dos principais papéis assumidos pelo docente no âmbito escolar, especialmente pelo professor de Língua e Literatura. Diante disso, surge-nos a percepção da necessidade de formar leitores no contexto de cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), haja vista que, muitas vezes, nesta modalidade de ensino, a preocupação é apenas com assuntos conteudistas e com a resolução de questões dos Exames de anos anteriores. Considerando que a competência para interpretação textual é de grande relevância para um bom desempenho na prova de *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, é de suma importância exercitar a leitura e a interpretação de textos em sala de aula, durante a preparação para o ENEM. Contudo, este é um trabalho a longo prazo e que, conseqüentemente, resulta (ou deveria resultar) na formação de leitores. Diante dessas considerações, pretendemos, neste trabalho, relatar e discutir a experiência vivenciada em uma turma de Cursinho Preparatório para o ENEM, da Universidade Estadual da Paraíba (PROENEM/UEPB), a partir da leitura do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa (2005), em que propomos uma abordagem a partir da Sequência Básica, sugerida por Cosson (2006), a fim de contribuir para a formação de leitores no contexto supracitado. Também recorremos aos estudos teóricos de Zilberman (1994; 2009), de Antunes (2009), entre outros, para discutir acerca do ensino de literatura.

**Palavras-chave:** Literatura, Formação de leitores, ENEM.

### Introdução

Pensar sobre o ensino de literatura é, a nosso ver, pensar na promoção leitora, pois, “se, de modo geral, a escola é a principal agência de letramento numa sociedade complexa como a nossa, muitas vezes, em nossa mesma sociedade, ela representa a única agência de letramento” (PIETRI, 2017, p. 11). Entendemos, portanto, que é papel indispensável da escola formar leitores. No entanto, muitas vezes a escola tem renegado essa tarefa, ao considerar que é perda de tempo destinar grande parte de seus horários à leitura (ANTUNES, 2009).

Desse modo, nosso trabalho pretende contribuir com as reflexões acerca do ensino de literatura, bem como da formação de leitores literários. Para tanto, recorremos aos estudos de Rildo Cosson (2006) que versa sobre o letramento literário. Desta feita, apresentamos também uma proposta, a partir da Sequência Básica (COSSON, 2006), para





# VII ENLIJE

a leitura do conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa (2005), realizada em uma turma do cursinho preparatório para o ENEM, promovido pela Universidade Estadual da Paraíba, na cidade de Campina Grande/PB. O cursinho é desenvolvido para alunos de escola pública que estejam ou que já tenham concluído o ensino médio.

Isso posto, vale ressaltar que, embora a prática de ensino, relatada neste trabalho, não seja desenvolvida a partir de um contexto de ensino-aprendizagem regular, comprometido propriamente com o currículo escolar, já que se trata do ensino de literatura em um cursinho preparatório para o ENEM, ainda assim, tivemos o intuito, a partir dessa proposta, de estimular a leitura de textos literários, a fim de promover o letramento literário, tendo em vista que a minoria dos alunos tinham o hábito de ler – qualquer tipo de – literatura.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é relatar e discutir a experiência vivenciada no contexto supracitado, a partir da leitura do conto de Guimarães Rosa e refletir como a Sequência Básica (COSSON, 2006) pode contribuir para a formação leitora dos alunos que muitas vezes não têm o hábito da leitura literária. Pois, consideramos que “o professor não pode esperar por um leitor, sua tarefa é construí-lo” (GUEDES, 2006, p.54), isto é, não podemos ser indiferentes diante do aluno que ainda não tenha desenvolvido o gosto pela leitura, mas precisamos atuar como agentes transformadores diante dessa necessidade e estar empenhados em formar alunos leitores.

Portanto, é nosso dever estar comprometido com a formação de sujeitos críticos, que saibam interpretar, discutir, argumentar etc. A leitura é, pois, uma prática social. Por isso, mesmo diante de uma situação de ensino que esteja empenhada em preparar os alunos apenas para o Exame Nacional do Ensino Médio, não se pode deixar de considerar as necessidades e as lacunas que não foram supridas pela escola. Sendo assim, é nosso dever tentar compensar, ainda que minimamente, essa defasagem.

## Metodologia

A perspectiva metodológica que norteia a produção deste artigo trata-se, quanto ao procedimento, de uma pesquisa-ação e de uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem. Este artigo foi desenvolvido a partir de uma aula da disciplina de Literatura, ministrada no Cursinho preparatório para o ENEM (PROENEM), ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).





# VII ENLIJE

Na referida aula, lemos o conto *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa, usando como método a Sequência Básica proposta por Rildo Cosson, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006). Como motivação, utilizamo-nos das seguintes perguntas: O que é está à margem? O que é está à ‘terceira margem’? Os questionamentos despertaram nos alunos certa estranheza quando se falou em *terceira margem*, gerando curiosidade. A partir disso, apresentamos um pouco do enredo do conto bem como seu autor e realizamos a leitura em voz alta da narrativa. Após lermos, iniciamos a discussão perguntando o que os alunos tinham achado do conto, se haviam gostado etc., a fim de que os alunos expusessem suas primeiras impressões após a leitura.

Depois desse momento, que a maioria da turma já havia falado, fizemos as seguintes indagações: Há diferença entre estar à margem e escolher a terceira margem? Com isso, procuramos aprofundar a discussão, levando-os a perceber que a terceira margem (lugar de escolha do protagonista da narrativa) é um lugar que muitos não querem estar, pois é o lugar não-comum, não habitual e, a partir disso, os alunos colocaram algumas situações e escolhas que fazem e que por isso não são compreendidos, não são bem aceitos nos grupos e nos lugares ‘comuns’.

## Resultados e Discussão

O incentivo à leitura deveria ser uma prática indispensável à escola. Para isso, a escola deveria conferir tempo para a leitura, pois como atesta Antunes (2009), a escola é lugar de leitura, por isso investir tempo para leitura em sala de aula não deve parecer estranho nem ‘perda de tempo’. Portanto, “formar leitores, desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem que priorizar” (ANTUNES, 2009, p. 201). Dessa forma, a leitura precisa ser incentivada e promovida pela escola. O hábito de ler precisa ser estimulado, pois nem sempre os alunos terão esse incentivo em casa, considerando que “provenientes, em sua maioria, das camadas inferiores da população, os alunos do ensino público, dos dias atuais, em geral, não reconhecem seu direito à arte, no recinto de suas famílias e de sua comunidade, dadas as condições econômicas e sócio-culturais destas” (PEREIRA, 2008, p. 56). Nesse caso, o acesso à leitura se restringe, muitas vezes, apenas ao ambiente escolar.

Desta feita, vale ressaltar que “o ato de ler não é, pois, uma habilidade inata” (ANTUNES, 2009, p. 201), mas precisa de incentivo, de motivação, de tempo para





# VII ENLIJE

despertar no aluno o gosto pela leitura. Não é algo que pode ser imposto, mas que deve ser construído paulatinamente pela prática. Entretanto, nem sempre isso acontece, e isso se torna ainda mais perceptível com os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do ano de 2017, no qual foi constatado que sete de cada dez alunos do 3º ano do ensino médio têm nível insuficiente em português.

Isso se tornou ainda mais evidente na nossa prática a partir da experiência vivenciada no Cursinho Preparatório para o ENEM (PROENEM), pois na turma, na qual os resultados desta pesquisa foram desenvolvidos, percebemos que a maioria dos alunos tinham muita dificuldade de interpretação de texto e pouco contato com textos literários. Através de uma sondagem oral realizada na turma, constatamos que os alunos tiveram pouquíssimas aulas de literatura no ensino médio, a maioria deles afirmou nunca ter ouvido falar de escritores como Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, entre outros. E, o que mais nos surpreendeu foi a constatação de que grande parte da turma afirmou não conhecer e não gostar de ler nem os clássicos da literatura nem os *best-sellers*, famosos entre os adolescentes.

Diante disso, percebemos que nossa prática não poderia se limitar ao estudo de escolas literárias, nem tampouco a resolução de questões do Exame Nacional do Ensino Médio. Precisávamos, na verdade, formar leitores. Considerando que “a leitura de textos literários é diferenciada já pelo fato de que envolve modos de leitura específicos” (PIETRI, 2007, p. 81), nossa prática se delineou a partir da leitura e discussão de diversos textos literários em sala de aula, a exemplo de algumas crônicas de Lya Luft e de alguns contos de Maria Valéria Rezende, textos que, a nosso ver, tinham uma linguagem mais acessível e divertida, os quais agradaram grande parte da turma.

Após percebermos que o gosto pela leitura já havia sido despertado em boa parte dos alunos, procuramos realizar a leitura de um texto mais denso, para que os alunos pudessem perceber o quanto já tinham amadurecido na interpretação do texto literário, bem como propiciar o contato com a obra de João Guimarães Rosa, a partir do conto *A terceira margem do rio*, que faz parte do livro *Primeiras histórias* (2005).

O texto de Rosa, narrado em primeira pessoa, conta a história de um homem que abdica da convivência familiar para viver em um rio, passando todos os seus dias e noites dentro de uma canoa que ele mesmo construiu. Por ir de encontro aos padrões normativos da sociedade, é considerado como um louco. Seu filho, narrador-personagem, relata as tentativas de comunicação com o pai, por parte dos familiares, vizinhos e até de outras





# VII ENLIJE

pessoas vindas de fora, motivadas por aquela intrigante situação. Mas sem obter êxito na comunicação, o filho é o único que permanece na incansável busca de entender a decisão do pai.

A partir da leitura dessa narrativa, incentivamos os alunos a pensarem sobre o que seria, então, estar à terceira margem. Nesse momento, atuamos apenas como mediadores da discussão, buscando oferecer as contribuições necessárias para que os alunos pudessem elaborar sua própria interpretação para o texto lido. Tendo em vista que

Não há, assim, leituras iguais para o mesmo texto, pois o significado depende tanto do que está dito quanto das condições e dos interesses que movem essa apropriação. [...] trata-se da apropriação da literatura [...] como um repertório cultural que proporciona uma [...] construção de sentidos (GRAÇA; COSSON, 2009, p. 67-68).

Atribuindo essa autonomia para os alunos, observamos que se sentiram mais a vontade para participar da aula. Alguns fizeram relação da terceira margem com as pessoas que são excluídas, marginalizadas pela sociedade; outros, no entanto, aludiram que estar à terceira margem seria estar na contra mão daquilo que é considerado normal, aceitável pela sociedade. Nesse sentido, muitas realidades vivenciadas pelos próprios alunos foram sendo utilizadas como exemplos, como o caso de uma senhora que relatou sofrer preconceito por estar “naquela idade ainda estudando” e por desejar construir uma carreira profissional.

Entendemos, portanto, por meio do relato dessa aluna e de tantos outros relatos ouvidos nessa turma, que “as práticas de sala de aula têm demonstrado que os alunos se envolvem com os textos que mais se aproximam de suas experiências de vida, na medida em que são capazes de ampliarem essas experiências” (SILVA, 2008, p. 50). Sendo assim, “a literatura sintetiza, por meio de recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (ZILBERMAN, 1994, p. 22). E, mediante esses pontos, o aluno constrói significados e significações do texto literário para si e para a sociedade da qual participa.

Diante disso, corroboramos com Emerson de Pietri ao considerar que “o interesse da literatura se faz, então, duplamente: porque pode auxiliar no desenvolvimento de questões relativas a aspectos sociais e políticos [...]; e porque possibilita o acesso a um trabalho com a linguagem que pode ser altamente elaborado (PIETRI, 2007, p. 81). Portanto, o trabalho





# VII ENLIJE

com a leitura do texto literário contribui para a formação de um sujeito mais crítico e participativo da sociedade em que vive.

Esperamos, com isso, que as aulas de literatura não busquem preparar os alunos apenas para a realização da prova do ENEM, mas que, principalmente, sejam capazes de despertar no aluno o interesse e o gosto pela leitura, formando, assim, novos leitores. Por isso, consideramos relevante o uso da Sequência Básica de Cosson (2006), uma vez que esta promove um trabalho oportuno para a leitura de textos literários nas aulas de Literatura.

Entendemos, portanto, que o encontro do aluno com a literatura deve ser “uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2006, p. 29), pois “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2006, p. 20). Diante do exposto, apreendemos que

A leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem (COSSON, 2006, p. 30).

Destacamos, ainda, a importância de dar voz ao aluno na sala de aula, pois, muitas vezes, “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (TODOROV, 2009, p. 27). Por isso, é imprescindível que o leitor tenha espaço para colocar suas próprias percepções acerca do texto literário, bem como sua experiência enquanto leitor. Desse modo, “desaparece a hierarquia rígida sobre a qual se apóia o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança, mais democrática, entre o docente e o discente” (ZILBERMAN, 2009, p. 36).

Dessa maneira, assinalamos que, além de contribuir para a formação de leitores e o desenvolvimento da escrita dos alunos, a leitura de textos literários também se constitui como um importante meio para a formação de sujeitos altruístas, que podem ser outros, viver como os outros, rompendo limites e espaços de sua própria experiência (COSSON, 2006).





# VII ENLIJE

## Conclusões

Com base no levantamento teórico empreendido por este trabalho e na experiência vivenciada na turma do cursinho PROENEM, corroboramos que o ensino de literatura não deve se limitar ao estudo das escolas literária; a temas isolados, a fim de responder atividades; nem deve se restringir somente à fruição. Uma vez que emana “no centro de um conjunto de discursos vivos” (TODOROV, 2009, p. 22), há muito o que se aprender e discutir, de modo a contribuir para a formação dos alunos enquanto sujeitos letrados e críticos.

Nesse sentido, as aulas de literatura precisam estar comprometidas em abrir espaço para que os alunos sejam coparticipantes nas discussões e atividades, colaborando, assim, para uma aprendizagem mais significativa e eficaz. Conforme Pereira (2008), espera-se que as escolas não desenhem apenas janelas, mas que abram portas e caminhos através dos quais os alunos possam ter acesso aos bens culturais da humanidade.

É preciso, dessa forma, que as aulas de literatura não sejam gaiolas, mas sejam asas, assim como sugeriu Rubem Alves (2004) acerca da escola, na sua crônica *Gaiolas ou Asas* (2004). Pois, se a escola for asas, se conseguirmos que nossas aulas de literatura, ciências matemática, etc. sejam asas, daremos aos nossos alunos coragem para voar. Embora não possamos ensinar o voo, podemos e devemos encorajá-lo, talvez este seja o nosso maior desafio enquanto professores.

## Referências

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas: A arte do voo ou a busca da alegria de aprender.** Porto: Edições Asa, 2004.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

FAJARDO, Vanessa; FORQUE, Flavia. **7 de cada 10 alunos do ensino médio têm nível insuficiente em português e matemática, diz MEC.** Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/30/7-de-cada-10-alunos-do-ensino-medio-tem-nivel-insuficiente-em-portugues-e-matematica-diz-mec.ghtml>> Acesso em 19 de outubro de 2018.





# VII ENLIJE

GRAÇA, Paulino; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides. A literatura no tear das práticas lúdicas e formadoras do ser. In: PINHEIRO, Hélder (Org.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 55-67.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 77-82.

SILVA, Maria Valdênia. Motivações para a leitura literária no ensino médio. In: PINHEIRO, Hélder (Org.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 41-54.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 17-39.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.

